



Mito e pensamento entre os gregos: uma discussão sobre os termos μυθος, ἀλήθεια, λόγος e παιδεία

Dominique V. C. Dos Santos¹

Submetido em Setembro/2012

Aceito em Novembro/2012

RESUMO:

Este artigo apresenta uma discussão em torno dos conceitos gregos de μυθος, παιδεία, λόγος e ἀλήθεια, analisando como a problemática entre mito e pensamento grego aparece nas obras de alguns historiadores, principalmente Jean-Pierre Vernant, Jan Bremmer e Barry B. Powell. Talvez seja mais plausível enfatizar uma convivência, apesar de conflituosa, entre o mito e λόγος, pois ambos são portadores de alethéia, do que uma transição do “mito à razão”.

Palavras-chave: μυθος. ἀλήθεια. λόγος. Παιδεία.

ABSTRACT:

This paper presents a discussion about some Greek concepts: μυθος, παιδεία, and λόγος ἀλήθεια. It's important to analyze how the issue between myth and Greek thought appears in the works of some historians, especially Jean-Pierre Vernant, Jan Bremmer and Barry B. Powell. It may be more plausible emphasize coexistence, although conflicting, between myth and logos, as it is possible to find aletheia in both, than a transition from 'myth to reason'.

Keywords: μυθος. ἀλήθεια. λόγος. Παιδεία.

O que é um mito grego? É assim que começa a obra “Interpretations of greek mythology”, editada por Jan Bremmer (1990). Como resposta, lemos que o mito é “um conto tradicional com parcial referência a algo que é de importância coletiva”. Uma forma resumida diria que trata-se de “contos tradicionais relevantes para a sociedade” (BREMMER, 1990, p. 7). No capítulo “Myth, Mythology, and Mythography”, que o autor escreveu para uma outra obra, “The Oxford Handbook of Hellenic Studies”, ele reformula a definição de mito, acrescentando-lhe a idéia de envolver deuses e heróis como personagens principais. Nas palavras do autor, então, os mitos são “contos

¹ Professor titular em História Antiga e Medieval da Universidade de Blumenau- FURB, Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais (www.furb.br/labeam)



relevantes para a sociedade envolvendo deuses ou heróis como protagonistas” (BREMNER, 2009, p. 684).

Jean Pierre Vernant diz que o grego sabe quem é porque conhece os contos narrados pelos mitos. Ou seja, é por meio do mito que ocorre o processo identitário e o grego aprende a viver em sociedade. Ele exemplifica que em Homero, por exemplo, aprende-se a trabalhar, a navegar, a fazer a guerra e a morrer. Vernant define *μυθος* como relato, narração, uma forma de explicação da vida e do mundo por meio de palavras. Em sua obra “O universo, os Deuses, os Homens”, Vernant diz que o *μυθος* “contém o tesouro de pensamentos, formas linguísticas, imaginações cosmológicas, preceitos morais, etc., que constituem a herança comum dos gregos na época pré-clássica (VERNANT, 2005, p. 14).

Basta uma breve busca por temáticas desta natureza e imediatamente veremos a relação entre *μυθος* e *λόγος*, dois tipos de discursos na Grécia Antiga. O primeiro deles, mito, é uma forma de linguagem, um relato que apresenta uma visão sobre o mundo. É por meio desta forma de narrativa que o pensamento pode se expressar simbolicamente. O segundo, por sua vez, é interpretado como consciência racional, discurso lógico-filosófico. Assim, um dos maiores problemas na abordagem do mito e do pensamento entre os gregos é compreender se existe uma correspondência entre estes dois termos, o mito e o logos, ou se, ao contrário, há afastamento entre estas duas categorias do discurso e, assim sendo, elas são, então, excludentes. Talvez o caminho do equilíbrio entre estas duas teses seja mais plausível, pois, apesar de em certos momentos (como no período que comumente a historiografia chama de micênico) haver uma predominância do mito e em outros (como no período classificado como clássico, as vezes “o século de Péricles”, aquele considerado como o apogeu da Pólis ateniense) quem parece cumprir esta função é o conceito de logos, tais conceitos devem ser compreendidos de maneira relacional. Isto significa que a predominância do logos não exclui o mito. Ao contrário, em diversas ocasiões os dois termos compõem o léxico de uma mesma obra, como veremos mais adiante.

Parece que no Brasil, onde a historiografia francesa, principalmente a obra de Jean Pierre Vernant, é bastante estudada e goza de um status privilegiado nos cursos de História Antiga, estas categorias tendem a ser vistas como excludentes. No entanto,



quando recorremos a autores vinculados a outras tradições historiográficas, isto não parece ser o caso. Desta forma, também parece ser possível a interpretação de que estas duas modalidades, mito e logos, relacionam-se entre si, elas estão presentes tanto em textos considerados mitológicos quanto nos filosóficos. Talvez fosse mais interessante pensar de forma sistemática, incluindo outros termos nesta problemática, como παιδεία e ἀλήθεια. Compreendemos que o mito é parte integrante da cultura e do pensamento dos helenos e, ao menos assim parece, não desapareceu dos discursos, e nem foi relegado a segundo plano, quando do século V antes da Era Comum. Detalhamos esta discussão abaixo, um problema que interessa diretamente à Ciência da História (Geschichtswissenschaft), pois está no cerne da querela acerca da representação do passado e das possíveis fronteiras entre a História e a arte poética, principalmente no que diz respeito ao conceito de ἀλήθεια, traduzido, na maior parte das vezes, como “verdade”.

Em uma de suas obras, “As origens do pensamento Grego”, Vernant apresentou uma de suas principais contribuições para a compreensão desta relação entre o mito e o logos, tentando mostrar que o surgimento do logos enquanto categoria discursiva se deu a partir do mito. Segundo ele, a racionalidade grega é produto das relações sociais concretas, ela surgiu das bases do pensamento mítico, apresentando uma relação de afirmação e negação, de continuidade e ruptura. Vernant nos fornece, então, um delineamento contextual do desenvolvimento da racionalidade grega. Segundo ele, é na cidade que este pensamento racional se ampliará e atingirá sua plenitude. Foi preciso esperar, então, pelo fim do mundo micênico, em que a religião e a mitologia estavam profundamente arraigadas, para que isso acontecesse. Vernant diz que quando no século XII antes da nossa era o poder micênico desaba, toda uma forma de vida é destruída. Uma forma de vida social, centrada em torno do palácio e do rei divino. Isso repercute no homem grego transformando-o (VERNANT, 2002, p. 10). O autor explica que o nascimento da razão grega só pôde acontecer quando ela conseguiu se livrar de uma mentalidade religiosa, característica micênica. Somente aí vemos surgir o pensamento político e o advento da filosofia. Este contexto de nova vida organizada na Pólis, e centralizada na ágora, é o catalizador de um novo processo, a transição do mito ao logos (VERNANT, 2002, p. 11).



A ágora era o espaço público mais visitado e valorizado de Atenas. É lá que as pessoas se relacionavam. A vida política de uma cidade-estado, uma pólis, se desenvolvia em torno deste espaço, bem como o comércio. Vidal-Naquet e Austin, por exemplo, em “Economia e Sociedade na Grécia Antiga”, dizem que os estrangeiros vinham praticar o comércio na ágora de Atenas e para isso eles precisavam pagar impostos. Trata-se de um grande espaço de circulação de idéias, de bens materiais, de pessoas etc. Era na ágora que as pessoas deliberavam os assuntos de interesse dos cidadãos (AUSTIN e VIDAL-NAQUET, 1986, p. 124).

Vernant explica que passou-se de uma civilização oral para uma cultura escrita e de uma palavra poética (Homero e Hesíodo) para um discurso lógico e demonstrativo (Platão e Aristóteles) e é neste espaço, o da ágora, que o mito vai cedendo espaço ao logos. Assim, Vernant diz que não só o mito e o logos, mas a própria “razão grega”, para usar suas palavras, tanto dentro de seus limites como em suas inovações, é “filha da cidade”. Assim sendo, o aparecimento da Polis constitui um acontecimento decisivo na história do pensamento grego (VERNANT, 2002, p. 53 e 143).

Segundo Ivan Vieira Neto, o primeiro estudioso a observar que o $\mu\theta\omicron\varsigma$ confluiu para o $\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$ foi Francis MacDonald Conford, autor de “Principium Sapientiae: The origins of Greek Philosophical Thought” e “From Religion to Philosophy”. Jean-Pierre Vernant é um seguidor destas teorias da continuidade mito-logos proposta por Conford (VIEIRA NETO, 2011, p. 72). Se por um lado, tivemos continuidades, por outro, também houveram rupturas. A principal delas, de acordo com esta teoria proposta por Conford, em consonância com Vernant, a qual Vieira Neto pontua, é a racionalização que ocorre na filosofia. O mundo se torna um evento natural e não supernatural. Agora, nas cidades, o homem vê seu espaço transformado e se percebe enquanto responsável por estas mudanças, sendo ele próprio o agente causador das mesmas. O autor argumenta que este rompimento da filosofia, portanto do $\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$, com o mito foi possível a partir de Sócrates, Platão e Aristóteles (VIEIRA NETO, 2011, p. 73).

A explicação fornecida por Jan Bremmer contém algumas ressalvas a esta interpretação. Por um lado, ele compreende estas mudanças, porém, por outro, considera importante lembrar que o mito não desaparece. Mesmo neste contexto, diferente do que interpreta Vernant, parece que os termos $\mu\theta\omicron\varsigma$ e $\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$ não se opunham. Tanto os $\lambda\omicron\gamma\omicron\iota$



quanto os *mythoi* podem portar ἀλήθεια (verdade). Segundo Bremmer, no fim do século V, o mito perdeu sua posição na vida grega como o principal meio discursivo para abordar os problemas da vida e da sociedade. Podemos ver isto manifesto em Platão, por exemplo. Em sua obra, podemos encontrar o termo *mythologia* (8 vezes) e *mythologema* (2 vezes). Todavia, lembra Bremmer, isto não significa que Platão removeu completamente os mitos, ele apenas reserva espaço diferenciado a este tipo de discurso, recorre a esta possibilidade apenas quando está falando de coisas difíceis de explicar, como os temas relacionados a alma ou ao passado mítico. Platão queria remover os poetas de sua proeminente posição quando abordando temas filosóficos. Mas o mito não desaparece, ele continua a ser usado e segue sendo um conhecimento essencial para que uma pessoa fosse considerada educada ou desejasse se tornar um poeta (BREMMER, 2009, p. 684-685).

Vernant, em uma outra obra de sua autoria, intitulada “Mito e sociedade na Grécia Antiga”, explica que houve uma mudança no conceito de *logos*, é por isso que, cada vez mais, ele se distancia do mito. O *logos*, enquanto escrito, levado à praça pública, não é mais somente palavra, ele assume o valor de racionalidade demonstrativa, se contrapondo ao mito. Contrapõem-se por duas maneiras, primeiro, pela forma, através da separação entre a demonstração argumentada e a textura da narrativa mítica; segundo, pelo fundo, através da distância que existe entre as entidades abstratas do filósofo e as potências divinas. O *logos* se propõe a estabelecer o verdadeiro após investigação apelando para inteligência crítica do leitor (VERNANT, 1999, p. 174 e 175). Ou seja, a separação entre *mythos* e *lógos* é tal que a comunicação não se efetua mais, o diálogo é impossível, o corte está consumado, mesmo quando parecem visar o mesmo objeto os dois gêneros do discurso permanecem impermeáveis, escolher um tipo de linguagem implica em abandonar a outra (VERNANT, 1999, p. 178).

Seguindo as explicações de Vernant, o mito parece estar ligado à magia da palavra falada, cujo exemplo máximo seria Górgias. Estaria relacionado com os gêneros da declamação, a poesia, a tragédia, a retórica e, sobretudo, a sofística, sendo, portanto, uma oposição ao mito. O discurso dito histórico também estaria em oposição ao mito. Em Políbio, por exemplo, vemos que o historiador não deve produzir emoção nos leitores através do fantástico, ele deve contar a verdade, pois o objetivo da história não



consiste em emocionar, mas instruir e convencer por meio de discursos verdadeiros. Assim, parece mesmo que uma oposição definitiva também existe entre o mito e a história (VERNANT, 1999).

Todavia, cabe lembrar novamente a tese de Bremmer, que não pode ser preterida. O mito ocupa um papel mais amplo que o reservado a ele pela delimitação estabelecida por Vernant. O mito só parece ceder ao logos em primeira instância, mas, não totalmente, não sem se integrar, não sem negociar simbolicamente. Barry B. Powell também compartilha desta interpretação, o autor nos mostra que Platão, por exemplo, no Fédon (60d), refere-se a Esopo como um produtor de logoi, mas, na mesma obra, mais adiante (61b), ele refere-se aos Mythoi de Esopo. No diálogo (Protagoras 320 c-d; 322a-323), por sua vez, em que Protágoras conversa com Sócrates, o primeiro pergunta ao segundo se deveria lhe falar por meio de mito ou logos. Sócrates o deixa a vontade para escolher e, então, Protágoras escolhe o mito como melhor opção para expor o que pretendia. No entanto, Protágoras termina seu discurso usando o logos, não o mito (Protagoras 324d). O autor mostra ainda que o mesmo Platão, na República, faz novamente usos de termos e conceitos dos mitos tradicionais (POWELL, 2002, p. 10).

Gilda Naécia de Barros também concorda com esta ambiguidade platônica. Segundo ela, em alguns momentos, Platão recorre à tradição religiosa e poética para justificar seu pensamento (Mênon, 81, a-b; Fedro 274c), em outros se refere à oposição entre conto e relato verdadeiro, aqui o exemplo é Górgias novamente (523a). Barros explica que as vezes Platão recorre ao pensamento hipotético, como na República, mas também pondera que “vale a pena o risco de crer”, como no Fédon. Em certos fragmentos, tenta justificar a fé no mito (Górgias, 527 a-e), em outros, problematiza a legitimidade deste recurso (Fedro 275 b-c). Assim, a autora sustenta que Platão recorre ao mito em vários de seus diálogos para abordar os principais problemas de seu sistema filosófico. Ela lembra que o problema está relacionado com a criticidade do mito. No tempo de Platão, acreditava-se que o mito deveria ser avaliado, julgado, sua verdade deveria ser conferida. Uma questão que, segundo ela, precedia Platão, já estava presente nas obras de Xenófanos, Demócrito, Eurípedes e Anaxágoras, por exemplo (BARROS, 2008, p. 28-29). Parece se tratar de um profundo embate entre $\mu\theta\omicron\varsigma$ e $\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$, tendo em vista a questão da $\acute{\alpha}\lambda\eta\theta\epsilon\iota\alpha$. Talvez isto explique a dúvida de R.G.A. Buxton, sobre a



transição do mito à consciência racional (Vernant), manifesta em sua obra com título em forma de pergunta: “From myth to reason?” (1999). De qualquer maneira, devemos interpretar o mito como integrante da Παιδεία, o sistema de formação educacional grego, que considerava várias instâncias do saber para compor seu quadro. Vale lembrar que “é-se grego por cultura” (Cassin; Loraux; Peschanski, 1993), ou seja, a Paidéia é fundamental na vida da sociedade grega, e o mito é um de seus componentes.

Talvez a chave para compreender melhor o papel do mito na sociedade grega seja uma investigação mais precisa sobre o conceito grego de ἀλήθεια (verdade). Luiz Carlos Zubaran, diz que a alethéia transita por uma constelação de duplos: memória e esquecimento, elogio e censura. Por isso, o tempo poético não exclui o tempo histórico. O mito não exclui o logos. Desta forma, o tempo poético, o tempo mítico, o tempo histórico e o tempo filosófico eram conjugados pelos gregos. Esta temporalidade dos filósofos é o da secularização da alethéia. Todavia, segundo o autor, o lógos é um verbo do qual o filósofo é intérprete, que se estende ao infinito, com suas vertentes materiais e imateriais, o que confere à alethéia tal duplicidade. Mesmo Platão, tentando estabelecer a idéia de uma verdade mais elevada, o sumo bem, o belo, a alethéia, não exclui totalmente os passos mágicos de seu discurso, ele os coloca no mesmo patamar da opinião, a doxa, uma espécie de verdade relativa, condicionada ao interesse. Apesar de condenável, mesmo assim ela trazia dentro de si o sentido da alethéia. Ou seja, apesar da alethéia do lógos ser excludente, foi do mito que ela se originou, constrói sua identidade a partir da negação do outro para percepção do eu, mantém relações de afastamento, mas também de aproximação (ZUBARAM, 2004).

Geralmente, mito e história também figuram em campos opostos. A história é a verdade, como no trecho de Políbio mencionado acima, como na fórmula de Leopold von Ranke: “contar o que realmente aconteceu”²; o mito é a mentira, a ilusão, o desvio, um conto falso, falacioso. Este também é o sentido, por exemplo, que o termo recebeu na tradução de uma obra da medievalista francesa Régine Pernoud para o português: “O mito da Idade Média” (1978). É importante, assim, compreender como os próprios

² Trata-se da célebre expressão *wie es eigentlich gewesen*. RANKE, Leopold Von. *Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1535*. Leipzig: 1885.



gregos pensavam seus mitos, pois há no conceito de μῦθος significados que ultrapassam esta dicotomia. Diferentemente deste sentido de falsidade, que frequentemente aparece em língua portuguesa quando o termo é evocado, para os gregos, apesar de um conto falseado, há uma verdade, alethéia, a ser recuperada.

Esta é a discussão que Paul Veyne, por exemplo, apresenta em sua obra “Acreditavam os gregos em seus mitos?” (1987). Veyne nos conta que o grego Pausânias tem um racionalismo diferente do nosso, ora ele é historiador, ora filólogo. Relata as histórias lendárias, as genealogias, acreditando apenas nas grandes linhas. Pausânias soube separar o verdadeiro do falso na história de Teseu. Ou seja, ele foi capaz de compreender o núcleo de verdade do relato, forma comum aos gregos. Pausânias viu no mito “uma tradição, uma fonte histórica, que é necessário criticar” (VEYNE, 1987, p. 25). O autor percebe, então, uma tentativa de conciliação entre duas variações da alethéia, a presente no mito, e a presente na história. Ele trabalha com a noção de pluralidade de mundos de verdade. A alethéia tem distinções, heterodoxias. Veyne chama isso de “programas heterogêneos de verdade” (VEYNE, 1987, p. 31).

Assim, faz sentido retornar a uma idéia proposta por Vernant em “Mito e sociedade na Grécia Antiga”, a do reconhecimento de uma ontologia anterior ao surgimento da filosofia. Para o autor, desde o estudo clássico de H. Fränkel “Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums”, se reconhece em Hesíodo o primeiro pensador da Grécia, propondo uma visão geral e ordenada do universo divino e humano. Afinal, Hesíodo proclama que vai revelar “o verdadeiro, celebrar o que foi, o que é e o que será” (VERNANT, 1999, p. 183). Desta forma, a filosofia aparece como uma tentativa de formular e desmitificar a verdade que o mito já pressentia à sua maneira e que exprimia sob a forma de relatos alegóricos. O que ocorre então, segundo o autor, é uma reintegração do mito no universo da razão filosófica. Na perspectiva de Aristóteles, por exemplo, o mito prefigura a filosofia, há nele um elemento de verdade, alethéia. Só que para Vernant, o mito seria uma espécie de esboço do discurso racional, o primeiro balbúcio do logos (VERNANT, 1999, p. 188). Assim, parece que, para ele, a razão supera o mito, o deixa para trás, manifestando-se a partir do lógos. Este raciocínio coloca o mito como sendo algo definitivamente distinto da razão, sendo outra coisa que não a racionalidade, que seria caracterizada por outras formas de discurso, como o



histórico e o filosófico. Compreendendo o tema nestes termos, mito e logos não podem conviver.

No entanto, é preciso lembrar que se existe uma transformação no mistério, se a filosofia o traz para a praça, como diz Vernant, é porque o mito não desaparece, vive como contradição, como ocorre com o discurso platônico, que ora combate o mito, ora o integra ao logos. No mesmo sentido, faz-se história do mito, encontra-se nele verdade, alethéia. Se após o período da Pólis, os gregos passaram a escolher o tipo de discurso, se mito ou lógos, ambos integram o processo de identificação do que é ser grego, fazem parte da Paidéia. Desta forma, preferimos as interpretações de Powell e de Bremmer. O pensamento grego parece ter sido, em um primeiro momento, dominado pelo mito, mas, logo em seguida, pela filosofia, quanto a este aspecto Vernant parece estar correto, no entanto, não se trata de uma passagem do “mito à razão”. A tentativa de classificação, de delineamento de uma ontologia, de multiplicidade de explicações da vida em sociedade e a análise do relato em busca de uma alethéia já podem ser presenciados no mito, que de forma alguma é irracional. Acaso, o próprio Vernant não reconhece uma ontologia no pensamento de Hesíodo e uma alethéia ainda mítica no discurso platônico? Talvez seja mais plausível enfatizar uma convivência, apesar de conflituosa, entre o mito e lógos, pois ambos são portadores de alethéia, do que uma transição do “mito à razão”. Trata-se de uma difícil questão, que requer maior investigação, mas, sem dúvida, são conceitos que interessam não somente para os estudos clássicos, mas para a historiografia, teoria e metodologia da história de uma forma geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, M.M.; VIDAL-NAQUET, P. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Trad. de Antônio Gonçalves. Lisboa, Edições 70, 1986.
- BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Platão: Mito e Paideia*. Notandum. Porto, v. 10, Universidade do Porto, 2008, p. 25-30.
- BREMMER, Jan N. *Interpretations of Greek Mythology*. London: Routledge, 1990.
- BREMMER, Jan N. *Myth, Mythology, and Mythography*. In: BOYS-STONE, George; GRAZIOSI, Barbara; VASUNIA, Phiroze. *The Oxford Handbook of Hellenic Studies*. New York: Oxford University Press, 2009, 678-686.



- Buxton, R. G. A., ed., *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*. New York, Oxford University Press, 1999.
- CASSIN, Bárbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: A cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Brasília: EDUNB/ Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. UNB: 2003b.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PERNOUD, Regine. *O mito da Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.
- POWELL, Barry. B. *A short Introduction to Classical Myth*. New Jersey: Pearson Education, 2002.
- VERNANT, J. P. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Setenta, 1987.
- VIEIRA NETO, Ivan. *O paganismo neoplatônico de Jâmblico de Cálcis: A influência religiosa na Filosofia Tardo-Antiga (sécs. III e IV d. C)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2011.
- ZUBARAN, Luiz Carlos. *A gênese do conceito de verdade na filosofia grega*. Canoas: Ed. Ulbra, 2004.